

Revista Matto-Grosso

PUBLICAÇÃO MENSAL

DE

SCIENCIAS, LETTRAS, ARTES E VARIEDADES

Anno IX

Cuiabá — Fevereiro — 1912

Num. 2

◉◉◉◉◉ O Barão do Rio Branco ◉◉◉◉◉



M homenagem ao grande vulto patrio, Dr. José Maria da Silva Paranhos, Barão do Rio Branco, o sabio portentoso, o patriota indefesso, o diplomata invicto e sublime, trasladamos para as nossas columnas de honra, as fulgurantes paginas que sobre elle traçava ha 15 annos na *Revista Moderna* o saudoso Dr. Eduardo Prado.

Dos genios só aos genios é dado competentemente falar.

«Os escriptores que tratam das superioridades politicas da Inglaterra mencionam, como sendo das principais, a existencia de uma classe de homens que hereditariamente transmittem uns aos outros uma continuada tradição e uma apropriada educação na arte da politica e naquillo que se póde chamar a Sciencia do Estado.

No Barão do Rio Branco encontra-se essa rara superioridade: a de ser, por herança e por educação, um homem votado, exclusivamente, ás cousas da Patria. Por esse lado, o Barão do Rio Branco, vivendo n'uma época em que, em toda a parte, o

interesse colectivo e nacional parece diminuir, cada dia mais, deante das paixões e das commodidades de cada um, constitue uma individualidade fóra do seu tempo.

Não tivesse elle um coração organicamente bom e tolerante e não fosse a differença dos tempos, a sua bella figura, onde a Natureza traçou linhas correctas e solemnes, como que destinadas a perpetuar-se no cunho das medalhas, e vêriamos n'elle uma reprodução daquelles magnificos senadores venozianos que os Palma e os Veronesos nos deixaram pintados e nos quaes o typo do individuo, tornado superior, quasi pessoal, parece viver animado apenas por um ideal de magestade, resumido na alevantada aspiração: a grandeza do Estado.

.....
Foi para poder isolar-se inteiramente nos estudos, que já eram os da sua predilecção, desde o Collegio D. Pedro II e a Faculdade de Direito de São Paulo, que elle desejou essa posição modesta na Europa, onde, com tanto proveito para a patria, estudaram e trabalharam antes d'elle os Andrada, Varnhagen, Magalhães, Porto Alegre, Odorico Mendes e outros brasileiros illustres.

O fim de sua vida, fim que não conseguiu sem longos annos de um

sacrifício aturado e ignorado, foi conhecer o Brasil, no seu solo, nos seus productos, no seu céo, nas suas raças, na sua vida no passado, nas condições de sua existencia no presente e na sua capacidade de crescimento e de grandeza no futuro. A erudição que conseguia ter a respeito do Brasil é, por assim dizer, salomônica. O rei de Judá conhecia, segundo a Bíblia, desde o hyssope, ou musgo apegado ás pedras das muralhas, até o cedro do Libano, desde o insecto que se esconde na relva, até o leviathan dos mares. O que o Barão do Rio Branco sabe do Brasil é uma coisa vertiginosa. É capaz de escrever, sem esquecer uma minucia, como eram feitas as naus de Pedro Alvares Cabral, de que tecido vinham vestidos os seus marinheiros e os nomes das plantas mais vulgares na praia de Porto Seguro, onde ancoraram aquellas naus. Leu tudo quanto ha impresso, copiou, ou fez copiar, todos os manuscritos, fez delles extractos, distribuiu esses extractos, em forma de notas, pelas paginas de todos os livros que tratam do Brasil; rectificou, esclareceu, corrigiu, explicou, emendou e ampliou todos esses livros; e, com o mundo das suas notas, poderá elle um dia publicar uma historia e uma descripção geral do Brasil, que será um monumento.

Sobre qualquer assumpto brasileiro o Barão do Rio Branco tem sempre, n'alguma gaveta, a ultima palavra. Uma vez, obrigado por uma promessa, e instado, escreveu, em quinze dias, a admiravel *Esquisse de l'Histoire du Brésil*, que só os conhecedores da nossa Historia podem apreciar devidamente. N'aquelle prodigio de condensação, que na imprensa mereceu os justos louvores de Capistrano de Abreu, Ruy Barbo-

sa e outros homens competentes, ha dezenas de pontos duvidosos esclarecidos, ha problemas resolvidos, ha indicações novas feitas, ha fontes inéditas citadas, ha enfim, o arcabouço e a trama primeira de uma larga Historia.

A mesma erudição e o mesmo poder de synthese encontramos na colaboração do Barão do Rio Branco na vasta publicação franceza, ora em via de chegar ao seu termo, a *Grande Encyclopédie*. As publicações deste genero são de uma deficiencia deploravel, quando tratam do Brasil. A *Grande Encyclopédie*, porém, no artigo *Brésil*, exgotou, por assim dizer, o assumpto, e tudo quanto de essencial era sabido daquelle paiz, em 1889, ficou alli consignado. A benefica influencia daquelle trabalho importantissimo já se faz sentir. Todos os auctores estrangeiros que, depois daquelle data, têm tratado do Brasil recorreram necessariamente áquelle repoitório precioso de informações, e a quantidade de erros palmares e de ridiculas inexactidões sobre o Brasil que n'outro tempo vinham nos manuaes de geographia e artigos de dictionarios, desappareceram nas novas publicações. A admiravel parte do vol. XIX da *Géographie Universelle* de Elisée Reclus, que trata do Brasil, é um trabalho de vasta comprehensão das cousas, de muita philosophia e de valor inestimavel pelo seu methodo e pela sua variedade de informações; mas esse mesmo trabalho foi largamente facilitado pelos labores do Barão do Rio Branco na *Grande Encyclopédie*. O illustre brasileiro é, elle proprio, de ha muitos annos, uma encyclopedia viva a respeito do Brasil e, especialmente, da sua historia e da sua geographia. Como tal é conhecido no mundo dos

eruditos e. de toda parte da Europa, chegam-lhe continuamente consultas e pedidos de informações. A resposta é, muitas vezes, a remessa, pela volta do correio, de uma verdadeira monographia sobre o objecto da consulta.

Quando, em 1893, o governo brasileiro o encarregou de ir a Washington, na qualidade de ministro, em missão especial, defender, perante o arbitro, presidente Cleveland, os direitos do Brasil ao territorio de Palmas, impropriamente chamado de Missões, e contestado pela Republica Argentina, o Barão do Rio Branco tirou da sua estante algumas das suas famosas pastas de documentos accumulados e anotados de ha longos annos: e os mappas, as memorias comparadas começaram a surgir. Os documentos que não possuia, elle sabia com exactidão onde estavam, e foram promptamente copiados nos archivos e nas bibliothecas. Com elles e sobre elles ponde escrever a sua *Memoria*, que é um modelo no seu genero. E' cousa difficillima redigir trabalhos destes. A primeira difficuldade é aproveitar todos os documentos, fazel-os valer na ordem da sua importancia, n'uma exposição em que todo o artificio de estylo deve ser sacrificado ao methodo e á clareza da argumentação. A historia da geographia é das cousas mais arduas de serem escriptas. E' preciso ter a arte e a sciencia de um Humboldt, para tornar interessante um assumpto desta ordem, como elle fez no celebre *Examen Critique de l'Histoire de la Géographie du Nouveau Monde*, modelo que nunca será excedido, deste genero arduo e ingrato. A *Memoria* do Barão do Rio Branco constitue alguns capitulos da parte menos conhecida da Historia da geographia sul-americana, es-

criptos em seis volumes, acompanhados da produção de roteiros antigos de cartas e de mappas, e da analyse minuciosa dos tratados e das narrativas dos exploradores, e tudo isto para identificar as nascentes, o curso, a fez e os nomes de dous obscuros rios do systema hydrographico platinol

A importancia da identificação destes rios era capital para o Brasil, e, si prevalecesse a theoria argentina sobre a materia, perderia elle um grande territorio, e ficaria compromettida a sua segurança, pois os argentinos teriam uma porta sempre aberta para o centro do Brasil, caso ficassem senhores do territorio de Palmas. A' demonstração clara, lucida e exauriente que o barão do Rio Branco fez dos nossos direitos, á sagacidade do seu exame dos documentos, deve o Brasil o ter ganho a sua causa perante o arbitro. Ora, não é com estudos de occasião, feitos para occorrer a necessidades momentaneas, que tão util foi para o Brasil e tão lisonjeiro para os seus fóros de paiz civilisado. Aquella esplendida *Memoria*, verdadeiro monumento historico e geographico, faz a maior honra ao seu auctor, e a opinião publica brasileira bem comprehendeu tudo isto, quando, em unanimidade, hoje bem rara, acclamou o nome do Barão do Rio Branco, nome que, fôra e acima das luctas da politica, é hoje um symbolo respeitado, de saber, de honra e de patriotismo indiscutíveis e indiscutidos.

Na modesta casa em que vive, no seu retiro de Auteuil, o pittoresco suburbio que ainda hoje prestigiam as sombras de Molière, do meigo La Fontaine e dos Goncourt, na sua immensa bibliotheca, no meio da desordem, apenas apparente, dos seus

documentos e dos seus mappas, poucas são, das vinte e quatro horas do dia, as que o barão do Rio Branco não consagra ás suas pesquisas e ás suas leituras.

Em todos esses trabalhos é guiado por um grande espirito de verdade e de rigor de observação. As mais arduas verificações de factos desenterrados das chronicas obscuras e da confusão dos documentos, a rectificação mais longa dos calculos astromonicos, tudo isto seria uma tarefa pouco interessante, si não fosse presidida pelo sentimento. No Barão do Rio Branco, porém, ha o sentimento que vivifica e nobilita. Não é o orgulho de uma eradição esteril; é o desejo de servir a sua terra. A maior prova de amor que se pôde dar ás pessoas é nunca as esquecer. E elle nunca esquece a sua patria. A sua divisa é: *Ubique patrie memor!*

Entre os Boróros

Com prazer, archivamos em nossas columnas a seguinte carta que o intrepido missionario salesiano Rev. P. João Balzola dirigiu ao M. Rev. P. Antonio Malan, Inspector da Missão, por conter ella interessantes noticias da futura catechese salesiana.

Bern. P. Inspector,

E' com verdadeira satisfação que esta vez escrevo a V. Rev., dando-lhe noticias que, tenho certeza, muito prazero causarão ao seu coração de pai e de sacerdote.

Com a sua ultima visita, pode-se dizer que todas as nossas Colonias indigenas receberam novo impulso, fazendo-me recordar daquella phrase escriptural concernente á passagem de Jesus nas cidades da Palestina: *transiit benedicens*.

E' porque tiveram novamente a occasião de ser influenciadas pelo seu zelo e caridade rotundos aos pobres Boróros.

A Colonia do Sagrado Coração dava já os fructos de tantos suores e sacrificios de dez annos, contando com oito familias legitimamente constituidas, motivo este de summa consolação para os nossos queridos irmãos, que continuam, com a mesma energia e coragem, a santa luta da civilização dos nossos aborigenes. Com sua estada nestes centros, constituiram-se mais seis familias, augmentando assim a nova sociedade já iniciada entre os nossos felizes catechismos.

Sem dúvida, o seu coração regosijar-se-á ao ver realizado o *desideratum* que lhe existia tantas difficuldades.

Regosio tamanho experimentei naquelles dias

que passamos juntos naquella Colonia. Pede, então, esquecer-me dos seis primeiros annos de tão arduos sacrificios...

Oh! como sacia o coração do missionario, transbordante de gratidão para com Deus, ao contemplar essa leva de selvagens transformados, de lobos ferozes, em mansos cordeiros!

Aquelles mesmos, pois, que nos primordios da catechese rodeavam, á noite, os nossos ranchos, afim de exterminar a nossa existencia, contaminos, agora, brandos e humildes, aquelles factos barbaros que não puderam effectuar por uma força inexplicavel, sem duvida a intervenção da divina Providencia!

Tambem a Colonia da Immaculada Conceição começa produzir sazonados fructos dos trabalhos e afãos dos nossos co-irmãos, prometendo, no futuro, mais satisfactorios resultados.

E o que direi desta Colonia de S. José? Posso lhe garantir que entra ella em uma nova phase das mais lisonjeiras prosperidades.

Com effeito, as duas primeiras familias de boróros já christãos que habitam em confortável propriedade, despertaram tanta emulação nos que vivem na aldeia, que somos forçados a preparar mais algumas casinhas, durante a estação da seca, para abrigar os demais que se acharem em condição de receber igual remuneração.

Tivemos a visita duma turma de indios do *Aro-jari* do Rio Vermelho e do *Jardori*.

Por escassez de roupa não nos foi possível aceitar-os; visto que não devemos consentir que fiquem da maneira como vivem no matto.

Promettamos-lhes de acolher-s mais tarde, quando os chegarem os meios, ao que ficaram satisfeitos.

Esperemos que Deus inspire a almas generosas para que nos proporcionem esses meios, com os quaes poderemos abrigar um numero desses infelizes filhos das florestas.

Pego-lhe recomendar essa obra tão benefica aos nossos Beneficentes, pelos quaes, não todos, á uma elevaremos fervorosas preces ao Todo Poderoso.

De V. Rev.

Obrigado. S. in. C. J. e M.

Sauçadouro, 22-I-1912.

P. João Balzola.

Commemoração do Barão do Rio Branco

No dia 12 do Mente, pela manhã, teve lugar, no Lyceu Salesiano desta Capital, a commemoração do grande vulto patrio, o Barão do Rio Branco.

Pesante os numerosos alumnos internos e externos do estabelecimento, abriu a sessão o Revmo. P. Aquino Corrêa, director interino, que lhes declarou o fim e deu á leitura uma estupenda pagina do saudoso homem do lottas, Dr. Eduardo Prado, na qual bem se destaca a figura empolgante do benemerito brasileiro alli posthumamente homenageado.

Celebrou-se a palavra ao Exmo. Sr. Desembargador Jonquim P. Ferreira Mendes, lente do mesmo Lyceu, que, em nome de toda a Congregação, teve, em rapido e fulgurante improviso, o elogio do preclaro morto, elevando, na paragem, o joven auditorio com a prosopopea grandiosa do extraordinario brasileiro, que paira, immortal, sobre os vastos e immensos territorios, desde o Acre ás Missões, do Norte ao Sul da extremecida terra da Patria.

Encerrando a sessão, o Revmo. Sr. Director interno, concedeu os alumnos a saubelharem, como crentes, perante a omnipotencia e a sabedoria infinita do Creador que soube e pôde plasmar o maravilhoso cerebro e coração de um Barão do Rio Branco, exhortando-os ao mesmo tempo a suffragarem-lhe a alma immortel.

Parabéns ao Lyceu Salesiano por mais esta esplendida lição de civismo à nossa mocidade estudiosa.

(Do O Debate)

Solemnidade de S. Francisco de Sales

A 11 do fluente, realizou-se, no Lyceu Salesiano de Artes e Offícios, a solemnidade em honra de S. Francisco de Sales, o Doutor suavissimo e glorioso Patrono da Pia Sociedade Salesiana e da Pia União das suas benemeritas Cooperadoras e Cooperadores.

Extraordinario realce adveiu á sobredicta festividade da circumstancia de se dar, celebrarem a missa de Comunhão Geral e a Missa Solemne, os dois Neo-Sacerdotes Salesianos, P. Luiz Zephyrino de Paula e P. João Sobel.

A tarde, foi dicta pelo Ilmo. e Revmo. Snr. P. Antonio Malan D. D. Inspector da Missão Salesiana no Estado, a conferencia regulamentar ás mesmas gentilissimas Cooperadoras e illustres Cooperadores Salesianos.

Aprez-nos, entretanto, archivar, em nossas columnas a bella noticia que da festi deu a distincta folha diaria "O Debate" organ do partido Republicano Conservador, no dia 15 deste mesmo mez.

Realizou-se domingo, p. p., neste instituto de educação, uma entusiastica festa. Foi a comemoração do patrono da Sociedade Salesiana, S. Francisco de Sales, e a sollemnisação das ordenações sacerdotaes conferidas, no domingo anterior, a dois neo-presbyteros da mesma sociedade, P. Luiz Zephyrino de Paula, cuiabano, e P. João Sobel, polaco.

Após as missas celebradas pelos novos sacerdotes, com extraordinaria concurrencia de alumnos e fideis, seguiu-se modesto, mas animadissimo agape em que tomaram parte os cavalheiros presentes á missa, entre os quaes os dous paranympheos dos recém-ordenados, os Exmos. Srs. Desembargador Joaquim Pereira Ferreira Mendes e Cesario Sessotris Cesar.

Aos postres tocou a harmoniosa banda do Lyceu, os alumnos cantores executaram varios trechos foram erguidos aos novos sacerdotes numerosos brindes, vibrantes todos de religião, patriotismo e entusiasmo pela obra salesiana, entre os quaes destacaremos os dos Rymos. Srs. P. Aquino Corrêa e Frei Ambrosio Daydê, dos Exmos. Srs. Desembargador Ferreira Mendes e Prof. Joaquim Marques, dos neo-sacerdotes o do Rymo. Sr. P. Antonio Malan, d. d. Inspector da Missão Salesiana no Estado.

Por fim, o Revmo. P. Aquino Corrêa declarou que infelizmente aquella festividade, tão jubilosamente iniciada, devia encerrar-se com uma nota de pesar.

Communicou então a recém-chegada e dolorosa noticia do trespasso do eminente brasileiro, grande sabio e patriota, o Barão do Rio Branco. Convidou a todos, p. ormente aos jovens convivas, para se unirem de coração á immensa dôr nacional e pediu aos novos sacerdotes que nas suas 1. missas

intercedessem pelo humortal extinto perante a divina Magestade.

Declarou, enfim, que em signal de luto, ficava supprido o sarau musico-litterario-dramatico a realizar-se n'aquella noite.

A sollemnidade concluiu-se, portanto, á noiteinha com a annunciada conferencia do Revmo. Sr. P. Antonio Malan, á qual affluu grande numero de cooperadoras e cooperadores da Missão Salesiana.

Traz o convite uma primorosa ode dedicada aos recém-ordenados pelo Mui Rev. do P. Dr. F. de Aquino Corrêa, a qual tambem nos é grato aqui transcrever.

ODE

Ad Aloysium Zephyrinum de Paula, cuiabensem,
atque Joannem Sobel, polonium,
Sacerdotes Salesianos,
ipia eorum fausta sacerdotalis consecrationis die.

Salvete, angelicis altius et choris
Victi terrigenae! quos dedit omnium
Causam condere se, permiseri voci
Parentis ipso hominis Deus.

Pulvis! pulvere sed de putrido diti
Estis! quorum aditum pandere in aethera.
Sacra offerre Deo, res benedicere,
Verbo et docere saeculum.

Luz mundi! tenebras pellite mentium!
Sal terrae! in animos spargimini improbis!
Cordo ut grex animaeque unus et unicus
Sit pastore sub unico.

Et tu, Cuiaba mi, principibus Crucis
Nequaquam minima es gentis in urribus:
Ex te nunque sacri qui populum regant
Nostratem exsiliunt duces.

Gaude ergo, redamans, in bono, Patria,
Jesu nostro! memor nam Dominus tui
Te nunc propitius respicit, almaque
Nostris pax erit in focis!

Cuiabae, pr. Nonas Februarias an. MCMXII.
Aquino Corrêa, S. S.

TRADUÇÃO:

ODE

A Luiz Zephyrino de Paula, cuiabano,
e João Sobel, polaco, Sacerdotes Salesianos,
no fausto dia da sua consagração sacerdotal.

Salve, mortaes que além do ethereo bando
vos sublimaes dos seraphins dos céus:
Creaes o Creador e ao vosso mando
So inclina o mesmo Deus!

Sois pó! mas pó que até a Deus se eleva!
Vós que o céu nos abris, vós que immolaeis
Um Deus, vós que espanceis do mundo a treva,
E benções derramaes...

Sois luz do mundo—illuminae-lhe as mentes!
Sois sal da terra—embalsamae-lhe o amor!
E far-se-á breve um só redil de crentes,
A' voz de um só pastor.

Oh! da nação da cruz entre as cidades,
A minima não és, oh! Cuiabá!
Pois geras os Moysés das sociedades,
Que o povo guia já.

Exulta, pois, oh! Patria, em mil cantares
Ao nosso bom Jesus, que se compraz
De olhar, propicio, e coroar teus lares
D'alma e serena paz!

Cuiabá, 4 de Fevereiro de 1912.
Aquino Corrêa, Salesiano.

De flôr em flôr

Pensamentos do Illustre e venerando Dr. Manoel Pinto da Silva Torres, nosso regio collaborador do E. de S. Paulo, a quem profundamente agradecemos estas flôres da sua alma de escôr e frutos de 40 annos de meditações, com os quaes rei doramente afiana e garrido a nossa humilde Revista.

A REDACÇÃO.

II

E' pelo inverno. As correntes estão geladas e a terra dura como a rocha.—Queres tu, boa arvore, ser a lenha do Natal? Com prazer, diz o carvalho, para aquecer a minha chamma o coração e as mãos dos humildes e dos pequenos.—Queres tu ser a lança do arado? Talha-me, responde a arvore; eu gostarei de fazer rebentar a espiga de ouro nos sulcos do terreno para nutrir o ancião e a criança.—Queres tu ser a viga de uma casa? Sim, lenhador; eu estimei-me se depois de ter abrigado na floresta as aves e as plantas rasteiras, poder abrigar ainda a meza e o leito do lavrador.—Queres tu ser o mastro de um navio? De bom grado; eu irei além dos mares onde se põe o sol, buscar em ribas longinquas essa estação permanente em que a terra não colhe o fructo senão para ter novas flôres.—Queres tu ser o patíbulo?—Silêncio, misero! eu pertenceo á vida, pertenceo á luz, e não poderia servir em uma obra de trevas, em uma obra de morte. Vive e mata, se te agrada; meus ramos nunca foram assombrados por espectros.

Ha no mundo duas cousas sagradas entre as cousas sagradas; é o tumulo de um pai, e a velhice de uma mãe. Ha um dever a preencher entre todos os deveres; é o que preserva ao filho a obrigação de fechar os olhos que viram abrir os seus.

O dia do beneficio é a vespera da ingratição.—ECCLE.

O apoio dos homens não é mais do que uma d'ôbil cana, que não verga somente, mas quebra. Infeliz daquelle que se apoia em um braço de carne.

Pedro perguntou ao Senhor:—Quantas vezes devo eu perdoar á meu irmão que peccar contra mim? Será até 7 vezes? Respondeu-lhe Jesus:—Não te digo, Pedro, que até 7 vezes, mas que até 77 vezes 7 vezes.

Tendes desgostos? Inclinaí os olhos sobre uma criança que dorme, que nenhum cuidado incommoda, que nenhum sonho assusta; participareis de alguma de sua innocencia, e vos sentireis inteiramente aquietados.

O homem sem caridade assemelha-se á insectos venenosos que se a-ferram ás chagas.

O pé não se levanta senão para calhar, e pisando aos pés, é que elle se levanta.

Melhor corrige algumas vezes a vista do mal, que o exemplo do bem; bom é acostumar-se o homem a tirar proveito da lieção do mal, pois é

tão frequente, em quanto que o bem é tão raro.

Os conselhos duros, não produzem effeito algum, são como os martellos, sempre repellidos pela bigorna.

O Imperador de Constantinopla enfurecido contra S. João Chrysostomo, disse um dia: «Hei de vingar-me deste Bispo.» Então os Aulicos foram emittindo seus pareceres. O primeiro disse: «Desterrai-o para tão longe que não o possais mais vêr». O segundo disse: «Confiscai seus bens». O terceiro disse: «Encarcerai-o e cobri-o de ferros». Disse o quarto: «Não sois soberano? mandai-o matar». Um quinto disse: «Vós todos vos enganais. Outros são os meios de punil-o. Si o desterrais, o mundo se torna sua patria; Si confiscais seus bens, vós os roubais não a elle, senão aos pobres; Si o metteis em uma masmorra, elle beijará suas algemas, julgando-se feliz; Si o condemnais á morte, lhe abrireis as portas do Céu. Quereis vingar-vos deste Santo? forçai-o a commetter um peccado, si fôr isto possível».

Samonas, Bispo de Gaza na Palestina, respondeu a um Turco que lhe perguntou como imaginava que um pão se convertia no corpo de Jesus Christo. Depois que nascestes, não ereis tão grande como agora; quem vos deu crescimento? não é o que comestes que se mudou em vossa substancia? Deus não pôde fazer por milagre o que faz todo o dia na ordem natural? Mas, accrescentou o Musulmano, é possível que o mesmo corpo de Jesus Christo esteja em todas as Igrejas? Nada é impossível á Deus, tornou o Bispo, e está resposta é quanto basta; mas, para pro-

var-vos que não é impossível, quebrems um espelho grande, não se apresenta a mesma imagem em todos os pedacinhos? E agora mesmo, minhas palavras não são ouvidas de cada pessoa desta reunião? Explicai-me como isto se faz?—O Sarraceno ficou confuso, e os christãos presentes ficaram edificadas e confirmados na fé catholica.

Fazer mal é do homem mau; fazer bem sem risco é do homem ordinario; fazer bem correndo grandes perigos, é só proprio do homem de bem e verdadeiramente virtuoso.—METELLO.

A mãe de um homem assassinado dorme; a mãe do assassino não dorme nunca.

Quando fordes bigorna, tende paciência; quando fordes martello, batei forte e justo.

As sciencias são fechaduras de que o estudo é a chave.

Ha cabeças que não tendo janelas, e não podendo ser tocadas pela claridade do dia, não recebem nada que do Céu provenha.

(CONTINUA.)

CHARADAS NOVISSIMAS

Da madeira e da ave se extrah o tecido—2-2.

Aquella senhora, minha parenta, está sempre na igreja—B-2.

A fructa se nota no orrino—2-1.

O liebre na prece é peccado—2-2.

Na musica do imperador romano está sempre a deusa—1-2

⊙

—Vem passar a noite connosco a manhã. A's nove horas minha filha recitará um monologo da sua lavra; ás dez minha mulher tocará varias composições suas e ás onze cearemos.

—Agradeço o teu gentil convite. A's onze lá estarei.



Parnaso mattogrossense



O ANJO DO TEU NATAL



A innocente Carmelita, filha
do meu distincto amigo L. Te-
nente José Pinto da Silva.

Hoje mesmo, á doce hora,
Em que a aurora
De mil rosas franja o céu,
Um anjinho pressuroso,
N'um mimoso
Raio d'alva a mim desceu.

Os seus olhos mais que estrellas
Grandes, bellas,
Refulgiam sem cessar;
No sendal tinha uma abada
Perfumada
De boninas a viçar.

E movendo os lábios breves,
Donde leves,
Gratos cheiros derramou,
Com um timbre peregrino
De violino,
Nestes termos me falou:

— «Pois não sab's, meu poeta,
Que completa
Mais um anno esta manhã,
A tão boa, a tão catita
Carmelita,
Meu enlevo e minha irmã?

Ha dois annos sahio ella,
Pura e bella,
Do almo gremio do Senhor;
Tem na fronte inda o reflexo
Desse amplexo,
Que é a innocencia e o seu fulgor.

Vê: para ella são as flôres
Multicôres,
Que aqui trago li do céu:
São as dadas mimosas,
Carinhosas,
Que para ella Deus me deu.

Ora, pois, has de cantar-me
Doce carme,
Que hoje quero lhe offertar;
Seja elle como a fita
Bem bonita
Que ha de as flôres enlaçar.

— «Pois, anjinho, rufla as azas
Sobre as casas,
A vêr, lhe respondi;
Vai levar nestes versinhos,
Meus carinhos
Ao botão que já sorri.

Que eu me quedo a Deus pedindo
O mais lindo
Amanhã para essa flôr:
Que ella medre como o encanto
Meigo e santo
Dos seus paes e seu amor.»

As plumagens espalhando
No céu brando,
Meu anjinho se evolou;
E lançando mil perfumes,
Entre os lumes
Do horizonte mergulhou.

Curitiba 1910.

AQUINO CORRÊA.

"PÓRQUE ME UFANO DE MEU PAIZ"

*Que um filho daquellas plagas
Ana o cêo que o viu nascer.*
Casimiro d'Abreu.

*Sabem porque tanto beñ quero,
Co'amor sincero,*

Á Patria minha estremecida?

Sabem porque clarei por ella,

—Tão rica e bella,

Si fôr mistér, a minha vida?

Não é só pela ideal belleza,

Que a natureza

Larga, doou-lhe, num sorriso,

A lhe entornar chufas de flôres,

De iriadas côres,

Que aromas têm de paraizo!

Nem só por essa immensidade

E essa uberidade

Das suas zonas tropicaes,

Que os verdes ramos da palmeira,

Linda, aitaneira,

Cobrem como arcos triumphaes!

O que me impelle mais a amar-te,

Idolatrar-te,

Eden do Sul! Oh! meu paiz!

E' a poesia calma e vasta,

Virginea e casta

Deste teu cêo de azul matiz,

Onde palpita a luz cambiant'e

E deslumbrante

Do immaculado austral Cruzeiro;

—Sublime ideal d'um povo ingente,

E livre e crente,

Que é dentre os povos—o primeiro!

Siderea Cruz a illuminares

Nossos palmares,

De primavera em noites calmas;

Guia, com teu clarão gentil,

O meu Brazil

Da avita fê as loiras palmas!

Eu te amo tanto, oh! cêo formoso,

De azul saudoso,

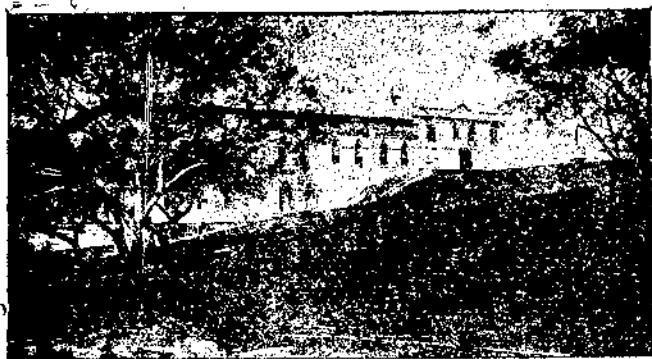
Da Patria minha tão querida!

Minha alma inunda com teu brilho

Que sou teu filho.

Oh! Santa Cruz estremecida!...

ARMINDO D'OLIVEIRA.



MOSEI SINHORA DO ROSA DE PAÇO

(Ao meu primo e amigo P. Agulha Cordeiro)

Lá na encosta virente de um outeiro
dessa cidadezinha em que eu nasci,
com um ar repousado de um mosteiro
há muito tempo levantado ali,

o Seminário abre as janellas, vasto
e silencioso, em sua solidão,
como um asceta solitário e casto
que ali buscasse abrigo á tentação...

É um casarão daquelle velho estylo
que hoje pouco se vê pela cidade,
rude, pesado, placido e tranquillo
como as almas dos homens dessa idade.

Em torno, a paz das cousas recolhidas,
e, dentro, a calma de um recolhimento
que lembra as doces, silenciosas vidas
escondidas num claustro de convento.

Eu, em criança, sempre tive um certo
respeito misturado de temor
por esse velho casarão deserto,
e, muita vez, no vasto corredor,

ouvindo tilintar a campainha,
enidava que me viesse receber
um frei guardião de barba capuchinha,
como os das lendas que eu andava a ler...

Velho edificio... Pouca gente entende
a alma das velhas casas silenciosas,
á hora em que o lanqueão grande se acende
nas grandes salas ermas e saudosas.

Tolavia, não era apenas esse
o sentimento que eu, por vezes, tinha
ao vel-o... Inda hoje, acaso, me pareceo
que subo a rude e agreste ladeirinha.

Inda revejo a velha e gasta escada,
—havia uma pequena e outra maior—
ao lado a grande e rustica esplanada
e arvoredos e sombras em redor...

No alto do outeiro, branca e pequenina,
a capellinha rustica sorri
e do seu throno, como um rei, domina
toda a cidadezinha em que eu nasci.

Singela e branca, empresta a tudo aquillo
um ar de graça e de poesia infinda
que dir-se-ia que o ceu azul tranquillo
tem ciúme de achal-a assim tão linda...

Ha quanto tempo a velha capellinha
olla a cidade placida, lá embaixo,
e o murmurio das aguas da Prainha
embala o sono ao velho Bom Despacho!

Contam que inda o povão do começava
quando um velho de santa devoção
no morro, então cheio de ortiga brava,
ergneu o doce templo da oração...

Isso ao tempo em que o riacho da Prainha
não se podia assim atravessar,
e quando a enchente de Dezembro vinha
era um perigo por ali passar...

E desde então, ó capellinha, existes
e acompanhaste, idade por idade,
dias alegres e momentos tristes,
toda a vida agitada da cidade.

Quantas vezes, na paz da altura, em meio
da noite silenciosa e enluarada
ella ha de ouvir pungirem-lhe no seio
as saudades de uma época passada!

Como ella evoca silenciosamente
manhans de outrora, vendo ali chegar
a gente antiga, que é já morta, a gente
que, ha muitos annos, ia ali rezar!

E hoje é outra gente e ha de chegar um dia
em que estes que vêm hoje não virão...
Como é cruel esta philosophia
de que tudo que existe é uma illusão!...

Porém, si tudo passa assim na vida,
algo subsiste de remanescente,
a saudade, essa magua dolorida
que nos lembra o passado no presente...

Um dia ha de chegar em que a reveja,
mas, talvez, já não sinta o que sentia
quando avistava a pequenina igreja,
à hora em que o crepusculo descia...

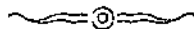
Talvez ainda hei de encontral-a a mesma,
talvez na encosta inda floresça emfim
a tristeza das flôres da quaresima
e aquelle pé florido de jasmim...

E lá dentro, a doçura mysteriosa
na mesma luz côada no vitral...
Mas, ai de mim! que esta alma desditosa
já não será a mesma, nem igual.

S. Paulo, Dezenbro 1911.

JOSÉ DE MESQUITA.

(Da 'Minha Terra,,)



NOTA

Parnaso mattogrossense. — *Animo sempre de contribuir, segundo suas posses, para o engrandecimento deste torrão abençoado, inicia hoje a nossa Revista esta secção destinada a registar produções poeticas de auctores patrios, as quaes primem pela nobreza da inspiração e dos sentimentos, maxime si bafejadas pelos ideaes supremos de Deus e Patria.*

Bogamos, pois, aos nossos amáveis leitores, zelosos das patrias lettras, queiram enviar-nos os trabalhos que porventura censerem de nossos finados peitos, e estimular os jovens esbocistas a se inspirarem naquelles sublimes themas, eternos mananciaes de poesia e canticos para toda alma bem talhada.

A REDACÇÃO.



Contraveneno religioso (*)

CARTA PRIMEIRA

A INCREDULIDADE

É ella sincera?—Tem fundamento?—Sua origem.—Triplíce causa.—
Theodoro Jouffroy.

SAULO DO CARLOS,

AFINAL, com tua grande satisfação, achas-te matriculado na Academia de Direito, não é?

Escreveste-me que te parece haveres entrado em um mundo novo, mui diverso daquelle do collegio em que até ultimamente fôras educado; e que, si por um lado não te desagradava a liberdade que ali frues, por outro não sabes affazer-te ao ar pestilencial e incredulo em que vives. Pedes-me conselhos e esclarecimentos destinados a te corroborarem a fé, affim de que não a percas, ali onde foste buscar sciencia.

Nesse pedido, reconheço-te ainda o mesmo inolvidavel Carlos. Com muito prazer, procurarei satisfazer-te, além de que começam agora as minhas ferias e, nesse tempo, poderei dedicar-me a escrever-te até as mais extensas cartas. Ah! vai, por hoje, a primeira.

Escuta, pois.

Como podes acreditar que sejam sinceros aquelles sentimentos contra a fé, tantas vezes decantados pelos teus collegas? Duvido muito. Primeiramente, porque os individuos que os manifestam, fazem-n'o a todo

o momento e a todos os ventos. Quem despreza deveras alguma coisa, só pelo facto de que não a estima, pouco ou nada se occupa della. Como pôde ser, pois, que os refractarios á fé, apesar de desprezal-a, continuamente lhe declaram guerra, insultando grosseiramente todos os seus mais preciosos dogmas?

Si estão persuadidos da falsidade de nossa santa Religião, não se incommodem... Descansem na paz da propria consciencia... Para que tantos suores, tantos trabalhos, tantos golpes no ar, tantas guerras movidas contra as sombras que não supõem nenhum corpo real? Si o Christianismo morren, *parce sepulto*... Para que imitar o jumento que ostentava grande coragem dando coices num leão morto?

Mais. Porque dentre os dogmas combatidos, são, geralmente, os de ordem moral os mais ameaçadores? Ouvirás falar muito pouco contra artigos theologicos de natureza especulativa; pelo contrario são torrencias e frequentes as chuvas de improperios e blasphemias contra os de ordem moral, que exigem os maiores esforços na sua pratica. Por exemplo, quando se trata do tribunal do além-tumulo e do abysmo de fogo que pune os reprobos, brandem todas as armas contra esses phantasmas, gritam contra a existencia do inferno e contra todas as demais superstições dos padres, como dizem, e que não são senão verdades

(*) Com prazer iniciamos hoje, em traducção especial para a Revista, a publicação destas bellissimas cartas do P. Alexandre Galliani S. I., para as quaes chamamos especialmente a attenção dos nossos leitores.

bem fundadas! Mas, si os incredulos julgam-se livres destes perigos, porque fazem, dos mesmos, cavallos de batalha contra a Religião?

Meu Carlos, não te parece que elles sejam como certos individuos medrosos que, devendo transitar, á noite, por logares solitarios, momentaneamente proximos a cemiterios, cantam o mais alto possivel, afim de enganar a si mesmos, ou distrahir-se, ou acalmar o coração que bate mais forte do que a mesma larynge?

A' esta primeira razão seguem-se outras, não menos fortes, que persuadem a veracidade de nossa crença.

Quem está bem convencido do acontecimento de algum facto, sabe dar a quem quer que seja acertadas e minuciosas contas do mesmo. Pois bem. Experimenta perguntar a qualquer um desses inimigos do bem, qual seja a sua opinião em materia de religião; o que admitta elle e o que negue. Vel-o-ás perder-se num labyrintho de palavras ôcas e elasticas; affirmar e negar, ao mesmo tempo, o mesmo principio; falar obscuramente duma religião sem pé nem cabeça; enfim, envolver seus pensamentos numa elocução altisonante e desconnexa, de maneira que deverás concluir assim: este individuo não sabe, certamente, o que quer dizer.

«Não vos deixeis seduzir pelas crenças supersticiosas, diz o distincto Balmes em uma de suas *Cartas a um sceptico*, acerca dos pretensos Mystérios da philosophia allemã; nem recebais como flôr de sabedoria a incomprehensibilidade do dizer. Não nos esqueçamos que a simplicidade é o distinctivo da verdade. Confia pouco das proprias descobertas aquelle que não tem coragem de publical-as. Porque, pois, esses philoso-

phos não mostram, ás claras, a pureza do ouro encontrado em suas excavações cerebraes?»

Além disso, uma convicção verdadeiramente profunda não se abala por qualquer motivo futil. Como se pôde explicar, pois, que alguém, movido por um bom pensamento, voltando ao bom caminho, manifesta tão somente os obstaculos invenciveis que abundam no campo da moral? Não é o Credo, mas sim o Decalogo que espanta muita gente. «Nunca atacam o symbolo, disse já Martinet, sem primeiro abrirem brecha no Decalogo.»

Em substituição ao 6.º e 7.º mandamentos, estariam dispostos a crer em mais duzentos mysterios...

E pôde chamar-se esta, convicção intima? Observa os zombadores da Religião no momento da morte. Acreditas que ainda se motem dos terrores da eternidade infeliz? Porque, então, aquelles senhores de cartola a fazer-lhes guarda por tantas horas prolongadas? Será por dever de caridade ou amizade talvez? Nem por um, nem por outro, meu Carlos. E' para abafar, no ultimo segredo, o arrependimento do mal praticado durante a vida.

E' verdade que ha pessoas que, á beira do tumulo, conservam um audacioso socego; o são levados á sepultura sem nenhum signal de religião, como acontece aos brutos. Porém, é uma excepção, que bem confirma a regra. Em geral, ao primeiro symptoma da morte, oh! como extremecem esses espiritos fortes! Como pressurosos vão lançar-se nos braços maternas da Religião que inconsciente ou maliciosamente abandonaram!

Portanto, a convicção que tinham não era verdadeiramente sincera.

(Continúa)

Pastoral Collectiva do Episcopado Portuguez

O PATRIARCHA DE LISBOA E OS ARCEBISPOS E BISPOS DO CONTINENTE DE PORTUGAL

*Ao Reverendo Clero e aos fiéis, seus diocesanos; Saúde, Paz e Benção
em Jesus Christo Nosso Senhor e Salvador*

V

Ha outro dever momentoso que não podemos deixar de lembrar e recomendar, com as mais vivas instancias, a todos os nossos amados diocesanos; a protecção á imprensa catholica.

Organizar em tôrno da Igreja (escrevia um eloquente jornalista) a guarda brilhante dos *zucros literarios*, fazer delles o mais valente batalhão do exercito catholico, é uma obra de salvação. Um escriptor bem insuspeito, Renan, chamou ao Papado e ao jornalismo as duas maiores forças do mundo moderno.

Essa força da imprensa periodica adquiriu uma expansão enorme. «O jornal matou o livro. Não é só uma arma, é uma potencia. É a alavanca de Archimedes, á qual recorrem a politica, a diplomacia, o industrialismo, o commercio... Mas é uma força ás vezes corrosiva e destruidora; é uma arma com frequencia brandida contra a fé e uma potencia não raro hostil á Igreja. É necessario que os jornalistas catholicos desçam á mesma arma e manejem eguaes armas em defesa da verdade religiosa e dos interesses do Catholicismo. Mas, para que alcancem vantagens

na pugna, é indispensavel que os jornaes catholicos tenham condições não só de vida desatogada, mas de larga diffusão; e, para este resultado se conseguir, indispensavel é, portanto, que os fiéis protejam effizazmente a imprensa catholica, como tantas vezes lhes tem sido recomendado pelos Soberanos Pontifices.

Os Soberanos Pontifices tem, ao mesmo tempo, dirigido aos jornalistas catholicos as recommendações e conselhos que, no desempenho da sua função prestante, devem ter presentes, e que Leão XIII resumiu nestas regras: *moderação, prudencia, caridade*.

«Ora, bem sabeis quanto é opposta á caridade fraternal a leviandade em suspeitar e a temeridade em arguir. Aquelles que seguem um partido politico, procederão incorrecta e injustamente se não duvidarem lançar sobre os outros a accusação de fé catholica suspeita, só pela razão de pertencerem á parcialidade differente, como se a hora da profissão catholica estivera ligada a este ou aquelle bando politico».

Mais que nenhum outro, tem o jornalista catholico necessidade da moderação e gravidade na linguagem,

da seriedade e imparcialidade nas opiniões, da prudência nos juízos sobre as pessoas e os acontecimentos e na escolha dos assumptos e da maneira de os versar, sem jámais se esquecerem da primacial lei christã da caridade, que manda amar os homens, ao mesmo tempo que ordena o combate a todo o transe ao erro: *Dilige homines, interfecte errores*.

Evitar as polemicas irritantes, principalmente entre os jornaes catholicos, é obrigação formal, e é actualmemente interesse e necessidade involvidável.

A exposição serena e firme da verdade religiosa é, segundo Guizot, a melhor apologia.

Informar, esclarecer, persuadir (disse alguém) são os officios do jornalista. Para o jornal catholico entre nós, informar é mais difficil, em vista da exiguidade dos nossos recursos; ao menos, importa que o valor positivo da informação contrabalance os recursos mais ricos dos adversarios.

Não se esqueça tambem que o *répido* é uma arma perigosa. O muito criticar denota inferioridade mental e prejudica em vez de aproveitar. Quem deseja que o respeitem, tem que respeitar os outros. Basta a discussão leal e levantada. Se o inimigo insulta, não se abaixe a essa indignidade o escriptor catholico.

Não só aos que lidam na imprensa periodica, mas tambem a todos que se prezam de christãos, é obrigatorio, como o maximo dos deveres e corôa de todos elles, o preceito da caridade.

O grande Apostolo S. Paulo, depois de exhortar os fideis de Corinto á vigilancia, á perseverança na fé e virilidade corajosa na acção (*vigilate, stete in fide, viriliter agite et confortamini*), rematava por estas solemnes palavras: Todas as vossas coisas

sejam informadas pela caridade: *Omnia vestra in caritate fiant* (47).

Já que os impios (disse tambem o preclarissimo *Lumen in coelo*) votam o seu odio a JESUS CHRISTO, redobrem os christãos de piedade para com Elle, e renovem-se no espirito da caridade, que é o principio das coisas grandes. Se algumas dissensões teem surgido entre elles, desapareçam! Cessem tambem essas luctas que dissipam as forças dos combatentes, sem nenhum proveito para a religião. Unam-se as intelligencias na fé e os corações no fraternal amor, para que a nossa vida toda, como é justo, se cifre em amar a Deus e amar o proximo.

Esta lei da caridade, bem o sabeis, obriga-nos a amar até os que nos odeiam e nos perseguem. A intransigencia na fé não exclue a caridade para com os inimigos d'ella e de nós mesmos. Nunca é licito retribuir o mal com o mal, nem responder com maldições á perseguição, antes devemos amar os que nos perseguem e calumniam, orar por elles e fazer-lhes bem. É preceito expresso do Divino Salvador (48), inculcado instantemente pelo Apostolo (49) e praticado constantemente pelos verdadeiros christãos.

O mundo não pode comprehender a sublimidade d'esta doutrina, e zomba dos que a seguem fielmente, apodando-os talvez de hypocritas ou de estultos... Que importa? Não é o mundo, é o Filho de Deus, quem nos ha de julgar no dia supremo, em que afinal se verá quaes eram os insensatos...

Se aos fideis em geral são applicaveis as recommendações que deixá-

47 I Cor. XVI, 13, 14.

48 Mat. V, 14.

49 Rom. XII, 14, 17.

mos até aqui feitas, de maneira muito especial vos tocam a vós. Reverendos Sacerdotes, dispensadores dos mysterios de Deus, e sobretudo áquelles d'entre vós que confusso quinbóam o tremendo onus do governo das almas, ao qual S. Gregorio Magno chamava *a arte das artes*.

Sem a vossa coadjuvação, sem o auxilio do vosso ministerio, frustrados ficariam os nossos esforços e sem fructo os nossos desejos para conduzir-mos, como Pastores da Igreja Santa, a grei fiel pelos caminhos da salvação.

Para a vossa coadjuvação appellamos confiadamente.

Se os simples fieis teem obrigação não só de conhecer, crer e professar as doutrinas da fé, mas ainda devem, na esphera de sua possibilidade, diffundir e propagar as verdades divinemente reveladas, será necessario recordar-vos, Reverendos Cooperadores, amados irmãos nossos, que é a vós que especialmente incumbe ensinal-as? Será mister lembrar-vos aquelle encadeamento, a modo de sortes, com que S. Paulo demonstra a necessidade da pregação ou do ensino religioso? «A salvação depende de invocar o nome do Senhor (isto é, de conhecer, amar e servir o verdadeiro Deus); mas a invocação do nome do Senhor depende de crêr nelle; e crêr depende de ouvir; e o ouvir, de haver quem pregue e ensine: logo a fé vem pelo ouvido, e o ouvir vem da annunciação da palavra do christo» *Ex quo fides auditu, auditus autem per verbum Christi* (50). Será preciso dizer-vos como é lastimosa a ignorancia da doutrina christã catholica não só entre as classes populares, mas até em homens aquem não falta instrução nas letras e sciencias profanas — e como esta ignoran-

cia é um dos factores principaes do indifferentismo e da hostilidade para com a Religião e Igreja de que somos e sois ministros?

Tudo isso conheceis perfeitamente, e será superfluo insistir na necessidade urgente e na obrigação sacratissima que sobre vós impende, de ensinar a doutrina — quer sob a fórma de pregação propriamente dita quer por meio da homilia e catechese, que, sendo menos brilhantes, são contudo mais proveitosas e necessarias.

«Julgamos desnecessario encarecer a excellencia d'este ministerio, e mostrar quão meritorio seja perante Deus. Grande galardão merece do Senhor a caridade com que procuramos minorar os infortunios dos pobres. Mas quem negará que maior recompensa terão o zelo e o trabalho com que damos, não os bens temporaes ao corpo, mas os espirituaes e eternos ás almas, ensinando-as e exhortando-as?...» «Bem sabemos que muito se esquivam ao ministerio de ensinar a doutrina christã, por isso que é vulgarmente tido em menor conta, e talvez considerado pouco valioso para captar auras de popularidade. Julgamos, todavia, que assim pensam só os que se deixam mover mais por levandades do que pe'a verdade. Não negamos que se devem apreciar muito os oradores sagrados que, movidos do zelo sincero da gloria divina, se consagram á pregação da defesa da fé e a proferir panegyricos dos Santos; entretanto, o trabalho dos oradores exige outro preparatorio, que é o do catechista: se este faltar, faltam os alicerces, e em vão trabalham os constructores do edificio».

Desejariamos transcrever aqui tudo que sobre este capitalissimo officio pastoral escreveu o SS. Padre Pio X em sua verdadeirama nte

apostolica Encyclica, *Acerbo nimis*, datada de 15 de Abril de 1905. Lêde-a de novo, Reverendos Cooperadores; medita-a frequentes vezes e cumpri diligente e zelosamente as suas prescripções, cuja observancia suscitamos. Com o Vigário de CHRISTO, «vos rogamos e pedimos que considereis quão grande perdição soffrem as almas por ignorarem as coisas».

Nem basta que o Parocho seja exacto e cuidadoso na homilia e na catechese: é necessario que busque pelos meios que o prudente zêlo e circumstancias lhe aconselharem, attrahir á catechese grande numero de crianças, e tambem de adultos;—é necessario que o Parocho se não limite a annunciar a hora da doutrina e a mandar tanger no sino o signal de costume, mas que torne attrahente o cathecismo, que amenize com exemplos, com factos historicos e até com parabelas (como fazia o Mestre dos Mestres) a doutrinação e a repetição das fórmulas, que torne as verdades da fé, quando possível, accessiveis ás intelligencias que não só á memoria, dos meninos; o é tambem preciso que aconselhe, que inste *opportune et importune*, que persuada aos paes e mães que mandem os filhos á catechese, que os não deixem vegetar na ignorancia e medrar á solta na licenciosidade das ruas e na aprendizagem dos vícios, lembrando-lhes que Deus lhes confiou em deposito esses seres racionais, de cuja sorte lhes pedirá severas contas.

Como já fica dito em outro lugar, se sempre foi indispensavel tudo isto, agora o é muito mais, para compensar e supprir a falta de ensino religioso nas escolas publicas.

Muito consentanea ao ministerio pastoral (cuja alma é a caridade ou amor sobrenatural do proximo) e particularmente exigida pelas actu-

aes circumstancias, é uma outra obrigação do Clero,—sobretudo do Clero parochial,—a que vamos referir-nos, e para qual chamamos toda a attenção dos nossos amados Cooperadores.

Os sacerdotes são tambem cidadãos; não podem desinteressar-se do bem da patria; é seu primeiro e principal officio curar da santificação e salvação das almas e dedicar-se ás coisas espirituaes; mas nem por isso lhes devem ser extranhos e indifferentes os legitimos interesses temporaes, de que depende a prosperidade, o progresso, a civilização do paiz que lhes foi berço; e, mais em particular, devem, pelos meios ao seu alcance, promover ou ao menos auxiliar as obras sociaes em beneficio do povo, insuflando-lhes o espirito do Christianismo, que é o principio verdadeiramente civilizador e admiravelmente fecundo de toda a ordem de beneficios.

Ao tristemente celebre e profundamente falso grito de Gambetta: «*O clericalismo, eis o inimigo!*»—esforcem-se os Padres por substituir esta acclamação: «*O clero catholico, eis o amigo do povo!*».

«*Ido ao povo!*»—escutae e segui a intimação que vem da Cathedra de Pedro!

e Reproduzi em vossos corações e em vossas acções o amor e piedade paternal com que o Salvador Divino se compadeceia das multidões, gemendo aquelle dulcissimo *Misereor super turbam* (51). A Egreja sempre comprehendeu este gemido; sempre amou com predilecção os humildes e os pobres, sempre os considerou os melhores amigos de Deus e as imagens vivas de seu christo. O Catholicismo tem muito de democratico.

Não o entendem assim, em nossos dias, as classes populares, e em especial os operarios, illudidos por fallazes mestres e esperanças em chiméricos sonhos... É necessário desfazer este equívoco. Imponde-vos oh Sacerdotes, oh Parochos! imponde-vos ao povo não tanto pela autoridade da missão e do caracter sobrenatural (que elle infelizmente pouco comprehende, e por isso pouco respeita), como pelas luzes da sciencia, pelos exemplos da virtude, pela austeridade do viver e, sobretudo, pela bondade do coração, pelo desinteresse, pela abnegação, pela dedicação solícita ao bem temporal do proximo pela cooperação activa e zelosa ou, ao menos, pelo auxilio moral e material ás obras sociaes catholicas. para conquistardes a perdida estima popular, e reimprimirdes nas almas o reconhecimento e a convicção de que não é de balde que tendes o nome de *Paes*.

Padres e leigos devem (como disse tambem o sabio e santo Pontifice actual) reunir as suas forças vivas para combaterem por todos os meios justos e legaes a civilização anti-christã, para repararem as desordens gravissimas que da mesma resultam para reconduzirem JESUS CHRISTO á familia, á escola, á sociedade, e para restabelecerem o principio da autoridade humana como o reflexo da divina;—e devem tomar summamente a peito os interesses do povo, particularmente os dos operarios e dos jornaleiros agricolas, não sómente infiltrando-lhes nos corações o principio religioso, unica fonte verdadeira de consolações nos trabalhos e amarguras da vida, mas diligenciando enxugar-lhes as lagrimas, suavizar-lhes as fadigas, melhorar-lhes a condição economica, trabalhando,

enfim para que no mundo reinem a justiça e a caridade.

Porém, quer no exercicio do ministerio espiritual (ao qual devem sempre dar a preferencia), quer nas obras subsidiarias d'elle e nas que se comprehendem na designação generica *ação social catholica* não procurem já mais de vista os sacerdotes, e especialmente os Parochos, a grande lei de que todas essas manifestações de actividade devem ser regidas pela prudencia e subordinadas á autoridade da Igreja e, portanto, dos Bispos, que para regerem a mesma Igreja foram pelo Espirito Santo collocados á frente de suas dioceses (52). É certo que as obras de natureza temporal e economica precisam por sua propria indole, de uma conveniente e razoavel liberdade, e deve ficar-lhes adstricta a correspondente responsabilidade. Mas já que os catholicos erguem a bandeira de CHRISTO, hasteriam por isso mesmo a da Igreja: das mãos da Igreja devem, pois, receber-a: á Igreja compete vigiar pela honra immaculada d'esse pendão, e a esta maternal vigilancia cumpre que docilmente se submettam todos que da Igreja são amorosos filhos.

Multi unum corpus sumus in CHRISTO (53).

Aconselhando e recommendando a subordinação e união entre os fieis e os Parochos e os Bispos, tambem nós a reconhecemos essencialmente necessaria e obrigatoria entre nós mesmos e o Pastor Supremo.

Imitando e quasi reproduzindo a eloquente e formal declaração do Episcopado dos Estados-Unidos Norte Americanos,—nós nos gloriamos de ser,—o esperamos em Deus que se-

52 Act. XX, 28.
53 Rom. XII, 5.

renos sempre—não a Igreja Lusitana, não a Igreja de Portugal, não uma sociedade religiosa particular, nacional, mas sim uma parte integrante da única verdadeira e divina Igreja fundada pelo Filho de Deus, —da Igreja Una, Santa, Catholica e Apostolica, cuja cabeça visível é o Papa e na qual não ha differença de castas nem distincção de nacionalidades, na qual todos os fieis são outros tantos membros que unidos formam um só organismo e constituem um mesmo corpo, um unico todo em JESUS CHRISTO: *Multi unum corpus sumus in christo*.

Exactamente porque a honra é de provação dura e porque as difficuldades da nossa missão se aggravam de modo extraordinario é que mais vivamente sentimos a necessidade de nos acercarmos da Cadeira onde Pedro está representando por Pio X, e de clamar: *Petre, doce nos!*

Escutaremos com docilidade a voz do Papa, e seguiremos com submissão e fidelidade os seus dictames e as suas resoluções. E em harmonia com a direcção que do alto nos vier, nós vos daremos opportunamente, Reverendos Cooperadores e dilectos filhos, as instrucções praticas, e tomaremos as providencias que as circumstancias forem reclamando.

Por agora, o programma é o que o Summo Pontífice marcou ao Episcopado de França: União dos corações, obediencia filial, generosidade e espirito de sacrificio, recurso fervoroso á oração, e muita confiança, toda no Santissimo Coração de JESUS e na Immaculada Virgem MARIA, Mãe de Deus.

Animados por esta confiança, nós, Bispos Catholicos, estamos, pela nossa parte, dispostos a tudo soffrer, antes que atraiçoar o nosso officio pastoral; estamos resoltos a todos os

esforços e sacrificios para mantermos e defendermos a liberdade e os direitos da Igreja. Não olvidaremos as palavras do illustre Bispo e Doutor Santo Anselmo: «Não ha nada que Deus mais ame do que a liberdade da sua Igreja».

Devemos esperar que esta liberdade não seja em Portugal supprimida e conculcada; que haja respeito ás crenças e aos sentimentos da grandissima maioria dos portuguezes; e que aquelles a quem oneram as graves responsabilidades do poder, se não deixarão arrastar pela torrente das theorias exaltadas de um radicalismo intolerante e oppressor, para que no futuro a historia não tenha de registar a contradicção entre um regimen democratico e a legitima liberdade, que deve ser um dos seus basilares principios e inflexiveis normas, como é dos seus mais bellos e festejados ideaes.

Se, porém, estas esperanças ficarem frustradas, acima das vantagens temporaes poremos sempre,—e vós todos de certo poreis tambem,—a suprema lei do dever.

A consciencia catholica não se vende a troco do prato de lentilhas.

A nossa causa é causa da Igreja, e a causa da Igreja é a causa de Deus.

• Se Deus estiver connosco, quem será contra nós? *Si Deus pro nobis, quis contra nos?* (Rom. VIII, 31).

Seja Elle o nosso refugio, a nossa fortaleza, o nosso amparo nas tribulações que nos ferem e que o porvir possa reservar-nos, por excessivas e humanamente incomportaveis que ellas se nos representam: *Deus noster, refugium et virtus, adjutor in tribulationibus que invenerunt nos nimis*. (Ps XLV, 2).

Neste intuito, determinamos que to los os Reverendos Sacerdotes nos-

sos amados diocésanos, emquanto não for ordenado o contrario, dêem na Missa, sempre que as regras liturgicas permittirem, as orações *Pro quacunque tribulationi*.

A presente Carta Pastoral collectiva será lida pelos Reverendos Parochos á estação das missas conventuaes, distribuindo a leitura pelos três ou quatro domingos immediatamente seguintes á recepção d'ella, devendo ser explicada com toda a clareza, e archivada depois, nos respectivos cartorios parochiaes.

Dada aos 24 de Dezembro de 1910.

† Antonio, Patriarcha de Lisboa
† Manuel, Arce. d. de Braga, Primaz
† Augusto, Arcebispo d'Evora
† Manuel, Arcebispo Bispo do Guará
† José, Bispo de Vizeu
† Manuel, Bispo Conde de Coimbra
† José Bispo de Bragança
† Antonio, Bispo do Porto
† Francisco José, Bispo de Lavago
† Antonio, Bispo de Portalegre
† Antonio, Bispo de Algarve
† Sebastião, Bispo de Beja
† Antonio, Bispo de Martyropolis

Circulares recebidas

... do Sr. Major Jeronymo G. de Macerata, comunicando-nos ter assumido o exercicio do cargo de Director da Typographia Official, para o qual foi nomeado por acto de S. Exe. o Dr. Presidente do Estado, de 13 do corrente.

Pensarados, agradecemos.

... do Sr. Dr. Secretario da Agricultura, Industria, Commercio, Viagem e Obras Publicas, convidando-nos para o acto da inauguração official da nova caixa d'agua, que se realizon no dia 24 do mesmo mez, ás 8 horas da manhã, na praça "General Mallet."

Gratos, fizemos-nos representar.

Recobemos

Revista Commercial e financeira, 1.º e 2.º annuario de economia politica, fiança, agricultura, industria, commercio e obras publicas, Gazeta dos Bancos e monitor das Estradas de Ferro, Ns. 759, 764 e 765.

Mensageiro da Fé, Ns. 1 e 2.

Facilmente ganha fama de soberbo quem não se acanha na sua soberbia.

Roteiro da navegação

DO

Rio Paraguai

entre a foz do S. Lourenço e o paralelo de 17°35' e das adjacentes Lagoas Gaíba e Uberava

PELO CAPITÃO DE FRAGATA DA

ARMADA NACIONAL E IMPERIAL

AUGUSTO LEVERGER

(Barão de Melgaço)

Publicação feita sob a direcção de

ESTEVÃO de MENDONÇA

V PARTE

(Continuação)

Na estação da secca, ainda subsiste parte destas agoas que por hum e outro lado formão lagoas, mais ou menos extensas e muitos canaes que serpenteão pela vasta planície. Facilmente podem conhecer-se, entre esses canaes qual he o rio, pela sua correnteza, estando todos os mais estagnados ou sem movimento perceptivel. A esses depositos d'agua he que dão nesta Provincia o nome generico de Bahias. Entre ellas merece especial menção a do Caracará que desagua na Latit. de 17°52'.

Estende-se a grande distancia por todo o quadrante N. O. ramificando e formando muitas ilhas: dizem que, em tempo de cheias, pode-se navegar por esta bahia, evitando assim muitas sinuosidades e voltando ao alveo do Paraguay em distancia de 8 ou mais legoas ao Norte. Na circumstancia em que aqui me achei, estava muito secca a bahia, e apenas pude nella penetrar pouco mais de um quarto de legoa a rumo do Norte. Quem, pela 1.ª vez vem subindo o rio, corre risco de enganar-se, pois a dita bahia continua na direcção que se segue desde a

barra do S. Lourenço, sendo que o Paraguay acompanha a margem occidental que neste lugar faz hum angulo agudo virando repentinamente de N. E. para Oeste. De mais o alveo do rio estreita-se e offerece a vista hum volume d'agua aparentemente muito menor que o da bahia.

As margens do rio cortadas cá e lá pelas bocas das bahias são em muitas partes quase delivel com o mesmo rio; em outras elevão-se os barrancos até 10, 15 e mesmo 18 palmos de altura; porem a poucos passos para o interior, vê-se o terreno sensivelmente abaixar-se, não tendo, muitas vezes, mais de 3 ou 4 braças de largo estes reductos.

A vejetação he a propria dos pantanaes deste paiz, gramíneas, (1) juncos, sarças, arvores caírasque-nhas, arbustos e plantas aquaticas. Os morros em geral são vestidos d'arvores como as que se veem nos campos cobertos, mato virgem e carandazes encontrão-se em algumas gargantas e valles, mormente na face Occidental da serra. A massa dos mesmos morros pareceo-me ser de *grés* e *grauwacke*, em que se veem as vezes conglutinadas outras diversas pedras. Aparecem também em alguns lugares *schistos* e vieiros de quartz. Vi pedra calcaria tão sómente nas pontas que alcei do lado de poente da Serra da Insua, de que adiante tratarei.

A extremidade septentrional da cordilheira, situada na Latit. de 17. 42. 46," lança para Leste hum pequeno ramo terminado pelo morro do Letreiro, assim chamado por causa de huns caracteres abertos na pedra em hum lugar da sua lize: são

hieroglíficos de que dá idea a estampa que acompanha a carta. Outros semelhantes existem em diversas partes da ponta Occidental do mesmo Letreiro.

A Noroeste deste lugar e em distancia de como meia legoa, vê-se a ponta meridional de huma pequena serra que tem proximamente a direcção de N. a S., e que, por acharem na cerada d'agua por todos os lados os Commissarios do Limites denominarão da Insua.

O espaço entre esta serra e a antecedente he a boca da Lagoa Gaiba. Medea, porem entre esta boca e o rio Paraguay hum terreno muito baixo e alagadiço cuja extremidade de S. he separada da ponta do morro do Letreiro por hum canal profundo e de como 60 braças de largura.

Foi por este canal, o unico praticavel em tempo de secca, que entrei na referida da Gaiba, que passo a descrever. He limitada a leste pela face Occidental da Serra; a SE. Sul e o S. O., por campos baixos vestidos em partes de palmeiras de *taucuri* e em outras de carandás. Avistão-se nas citadas direcções terras montuosas em distancias mais ao menos consideraveis.

(CONTINUA).

SE EU FOSSE SURDA

Depois que Deus me cegou,
Não vejo os filhos anular,
Nesta nudez em que estou
Mil graças, Senhor, vos dou!
Mas láda os ouço chorar,
E assim pobre como sou,
Nada tenho que lhes dar,
E lachalde me condão!
Senhor! poupa-me o pesar
Tambem de os ouvir chorar!

João de Deus.



CHARADAS SYNCOPADAS

- 3 -- Entregue a rosea de pantu a este patife--2.
5 -- Ven comer para não alijar--2.

(1) Entre estas nota-se o arroz particularmente nas margens das Lagoas.

Observações feitas as 0h. JM. de Greenwich

NA ESTAÇÃO CENTRAL DE RIO DE JANEIRO E

transmittidas diariamente ao observatorio "D. BOSCO"

LAT. = 22° 54' 32" S. LONG. = 43° 10' 34" W GRW. ALTITUDE = 64m, 159

Hora local 9 h. 07m a.

Julho 1911	Barometro A 0°	Thermometro							Vento		Estado atmospherico	Meteoros	Nuvens quantidade
		Seco	T - T°	Humidade relativa	Tensão do vapor	Maxima	Minima	Oscillação da temper.	Dirrecção	Força (escala Beaufort)			
1	64.1	19.0	1.6	84	13.80	20.7	18.5	2.2	S	1	m	x	10
2	65.7	16.1	0.4	85	12.43	20.1	16.6	3.2	NE	2	i	nvd	10
3	64.0	16.3	0.8	91	12.61	20.1	15.9	4.2	x	0	b	nvt	8
4	60.0	19.0	2.2	78	12.91	22.4	15.8	6.6	NW	3	cl	x	0
5	60.0	19.5	1.2	88	14.92	26.3	16.5	9.8	»	2	i	nvt	10
6	63.4	17.1	3.4	65	9.59	20.6	17.2	3.4	WNW	2	b	»	1
7	62.1	16.9	1.4	85	12.27	19.5	15.7	3.8	ENE	2	i	x	10
8	62.0	18.0	1.2	88	13.52	19.3	16.1	3.2	ESE	2	m	nvd	10
9	61.6	17.3	0.6	94	13.80	20.7	17.6	3.1	NW	3	»	trov	10
10	57.4	16.3	0.8	91	12.61	19.2	16.6	2.6	»	3	»	x	10
11	57.3	14.6	2.2	76	9.40	18.5	15.0	3.0	WNW	3	i	»	10
12	62.5	16.5	2.2	77	10.81	07.9	13.2	4.7	»	3	b	»	6
13	63.0	14.4	0.8	91	11.10	18.3	14.2	4.1	NW	1	m	cl	10
14	61.7	14.0	0.6	90	11.08	16.8	13.8	3.0	»	2	i	nvd	7
15	62.6	17.4	1.6	83	12.37	21.1	13.7	7.4	x	2	i	nvt	7
16	63.0	17.6	1.8	81	12.24	19.8	16.5	3.3	x	0	»	x	2
17	62.5	17.8	1.4	86	13.04	20.1	15.8	4.3	NNE	1	i	nvd	10
18	60.0	19.5	2.4	77	13.04	20.2	16.2	4.0	NNW	1	i	nvt	10
19	60.9	18.9	1.0	90	14.62	25.3	17.7	7.6	NW	1	»	»	3
20	59.5	19.6	0.8	92	15.67	26.5	18.3	8.2	NNW	2	i	»	10
21	58.7	18.1	0.4	93	14.81	24.6	19.3	5.3	NW	1	b	nvd	10
22	56.2	27.5	7.8	44	12.26	28.0	17.0	1.10	WNW	2	i	x	6
23	57.5	20.3	1.6	85	15.08	23.6	21.3	7.3	NW	2	i	»	7
24	61.5	23.5	4.8	60	13.11	30.1	19.3	1.08	SSE	1	m	»	8
25	67.2	16.6	1.2	87	12.29	23.5	17.6	7.9	NW	2	»	»	10
26	66.8	17.0	0.6	94	13.53	18.1	16.0	2.1	»	3	i	nvd	10
27	65.6	19.1	1.2	88	14.50	21.0	16.3	4.7	N	1	»	x	9
28	67.6	20.5	1.4	87	15.59	22.3	18.1	4.2	N	1	b	»	1
29	63.9	18.0	1.0	90	13.81	22.3	18.2	4.1	NW	2	i	nvd	8
30	62.1	18.9	1.2	88	14.32	21.5	17.3	4.5	»	1	b	nvt	9
31	60.5	19.1	1.4	87	14.50	22.5	18.2	1.44	NNE	2	»	»	1
Med.	61.9	18.2	1.6	83.8	12.08	22.1	16.7	5.4	NW	1.7	—	—	7.0

Observações particulares

Dias—1 choven a. m.—2 Chuva intermitente todo o dia. —6 Chuviscou e choven a. m.—8 Nevoeiro denso (erração) p. m.—9 choven e trovejou a. m.—10 Choven a. m.—12 choven intermitentemente todo o dia—13 Choven a. m.—14 Chuviscou p. m.—20 Chuva a. m.—23 nevoeiro tenne p. m.—25 Choven a. m.—27 Chuviscou a. m.
Total d'agua cahida durante o mez 98" 47.

CBSEVATORIO METEOROLOGICO "D. BOSCO"

Dependente do Lyceu Salesiano de Artes e Officinas

Em Cuiabá, Estado de Matto-Grosso. Director Padre M. G. de Oliveira e Secretario Sylvio Milanese

Observações feitas durante o mez de Julho de 1911.

ALTITUDE DA LOCALIDADE: 235m. 02 LATITUDE 15° 35' 49" LONGITUDE: 12° 50' 7" (Occ. do Rio)*

N. de observações por dia às 7 a. m., às 2 e 9 p. m., hora local

TABELLA I

Julho 1911	Pressão barométrica reduzida á 0° cent.					Temperatura centigrada, á sombra				TEMP. SOL. ORÇULAÇÃO	Humidade relativa			
	7.m.	2 p.m.	9 p.m.	Média	Oscil.	Média	Max.	Mín.	Oscil. da Temp.		7.m.	2 p.m.	9 p.m.	Média
1	51.42	50.35	46.39	49.39	5.03	21.2	22.0	20.3	1.7	8.6	82	74	78	76.0
2	48.00	46.57	47.01	47.19	1.43	22.4	24.7	20.0	4.7	15.9	58	62	80	75.7
3	48.22	46.34	49.01	47.86	2.67	24.1	28.2	20.0	8.2	17.1	60	43	67	69.7
4	50.63	49.34	46.14	48.77	4.69	25.2	29.5	20.9	8.6	14.2	77	40	80	68.7
5	52.64	51.55	48.34	50.91	4.50	24.8	29.3	20.3	9.0	3.4	85	78	81	81.3
6	50.89	47.82	48.38	49.03	3.07	20.6	21.7	19.5	2.2	11.0	85	69	84	79.3
7	48.96	47.12	48.97	48.35	1.85	22.8	26.0	19.5	6.5	18.0	83	62	80	75.0
8	50.06	48.82	48.97	49.28	1.24	23.9	27.8	20.0	7.8	11.6	82	57	80	73.0
9	53.17	52.04	52.57	52.59	1.13	24.3	23.2	20.4	7.8	9.9	71	56	60	62.3
10	52.43	50.70	52.65	51.93	1.95	19.6	22.8	16.3	6.5	11.6	62	36	56	51.3
D. 1.	50.68	49.06	48.84	49.53	2.75	22.9	26.0	19.7	6.3	12.5	78.1	58.6	74.6	70.4
11	50.78	48.83	49.09	49.57	1.95	18.3	23.0	13.5	9.5	18.5	71	37	62	56.7
12	50.06	49.25	49.76	49.36	0.81	19.2	21.8	13.5	11.3	23.8	71	38	61	56.7
13	50.08	47.44	47.98	48.50	2.64	20.0	26.0	14.0	12.0	20.8	71	34	61	55.3
14	48.85	47.24	48.04	48.04	1.61	20.5	27.0	14.0	13.0	20.3	71	36	59	55.3
15	49.21	47.34	47.93	48.16	1.87	21.2	28.4	14.0	14.4	19.7	68	34	58	53.3
16	48.71	47.32	49.22	48.42	1.90	23.8	27.8	19.8	8.0	12.4	68	47	68	61.0
17	51.18	46.36	47.01	48.18	4.82	23.8	27.7	19.8	7.9	10.1	76	62	77	71.7
18	47.99	47.59	48.77	48.12	1.18	25.4	30.6	20.1	10.5	12.4	79	41	66	62.0
19	51.97	49.35	49.25	50.19	2.72	25.4	30.6	20.1	15.0	13.0	85	61	78	74.7
20	47.45	44.56	45.58	45.86	2.89	25.5	30.7	20.3	10.4	17.2	83	46	63	64.0
D. 2.	49.63	47.53	48.26	48.44	2.26	22.3	27.6	16.9	10.7	16.8	74.3	43.6	65.3	61.0
21	46.26	41.97	45.90	45.71	1.29	27.4	31.8	22.8	8.9	13.4	68	40	62	56.7
22	46.57	43.88	44.11	44.85	2.69	27.3	31.7	22.8	8.9	10.7	67	44	60	57.0
23	45.76	45.36	51.92	47.68	6.56	27.4	31.8	23.0	8.8	12.5	67	44	60	57.0
24	55.78	54.97	55.83	55.53	0.86	15.2	16.9	13.5	3.4	4.0	67	61	62	63.3
25	54.95	51.71	52.29	52.98	3.21	16.0	20.3	11.8	8.5	12.4	72	56	76	68.0
26	50.91	47.65	48.25	48.94	3.26	20.3	26.1	14.5	11.6	19.5	78	56	70	68.0
27	49.36	48.12	48.70	48.73	1.24	23.4	30.3	16.5	13.8	16.2	77	37	59	68.0
28	49.22	47.10	47.83	48.05	2.12	24.7	30.0	19.4	10.6	17.6	72	38	57	55.7
29	48.19	46.23	46.39	46.94	1.96	25.7	30.7	20.7	10.0	17.9	69	37	57	54.3
30	46.94	44.84	44.87	45.55	2.10	26.5	32.2	20.7	11.5	18.5	70	39	66	58.3
31	45.39	43.96	43.86	44.40	1.53	27.7	30.3	22.4	10.6	14.0	60	59	50	56.3
D. 3.	49.03	47.16	48.17	48.12	2.71	23.8	28.6	18.9	9.7	14.2	69.7	46.4	61.7	59.3
Mez	49.78	47.92	48.42	48.69	2.57	23.0	27.4	18.5	8.9	14.8	74.0	49.5	67.2	63.6

Observatório meteorológico "D. Bosco" — Curitiba

TABELLA II

Julho 1911	Vento Direção — Força						Nebulosidade Forma — Fração				Chuva Quantidade	EVAPORAÇÃO em 24 horas	
	7 a. m.	2 p. m.	9 p. m.	7 a. m.	2 p. m.	9 p. m.	Med. dia	Abrito	Exp.				
1	S 5	SW 4	— 0	KN 10	KC 5	K 9	8.0			0.4	1.4		
2	— 0	» 3	— 0	» 10	« 4	« 1	5.0			0.6	2.6		
3	N 2	NNW 6	E 2	Sc 7	» 4	« 1	4.0			0.7	3.4		
4	» 2	S 2	SE 4	KN 5	KN 4	KC 2	4.3			1.6	6.6		
5	S 4	SSE 1	S 1	N 10	N 10	NK 10	10.0			1.4	5.2		
6	— 0	— 0	— 0	» 10	KC 7	Ks 2	6.3			0.2	1.0		
7	— 0	WNW 2	S 1	Sc 6	KN 5	K 6	5.7			0.6	3.8		
8	N 2	W 1	SSW 6	KN 8	« 6	KN 10	8.0			1.2	5.2		
9	SSW 6	SW 5	S 2	» 10	— 0	— 0	3.3			1.2	5.6		
10	» 1	W 4	» 1	— 0	— 0	— 0	0.0			1.6	5.4		
DJ*	N 2.2	SW 2.8	S 1.7	KN 7.8	Kc 4.5	K 4.1	5.4			9.5	40.2		
11	— 0	SSE 1	— 0	S 1	S 1	— 0	0.7			1.6	6.0		
12	— 0	W 2	— 0	« 1	« 1	— 0	0.7			1.4	5.2		
13	WSW 1	SSE 3	E 1	» 2	« 3	S 5	3.3			1.6	6.0		
14	— 0	N 4	SE 1	« 3	« 3	« 1	2.3			1.4	6.0		
15	NNW 2	NW 3	N 1	Sc 3	CS 7	— 0	3.3			1.6	6.4		
16	WNW 1	S 5	S 1	KN 9	SC 9	CN 9	0.0			2.2	7.6		
17	NW 3	N 1	N 1	CX 10	NK 10	— 0	6.7			1.8	6.2		
18	N 2	» 10	W 1	KN 10	Kc 7	SN 10	9.0	10.0		0.8	3.6		
19	« 1	» 2	SE 1	N 10	CK 2	— 0	4.0			2.0	7.6		
20	NNW 1	» 7	N 2	— 0	— 0	— 0	0.0			0.4	3.0		
D 3*	N 1.1	N 3.8	N 0.9	S 4.9	S 4.3	S 2.5	3.9	10.0		14.8	57.6		
21	N 4	NNW 7	N 2	— 0	— 0	— 0	0.0			2.6	11.2		
22	» 2	NW 6	» 3	CS 2	Kc 5	— 0	2.3			3.2	11.4		
23	» 1	WNW 5	S 10	CN 3	« 4	N 10	5.7			3.0	11.0		
24	S 7	S 8	» 7	N 10	N 10	— 0	6.7	8.8		2.8	10.9		
25	» 4	» 5	— 0	Sc 6	— 0	— 0	2.0			1.0	2.5		
26	— 0	WSW 1	SE 2	— 0	— 0	— 0	0.0			0.6	4.0		
27	— 0	SE 2	— 0	— 0	CK 2	— 0	0.7			1.0	5.1		
28	— 0	NE 2	— 0	— 0	C 2	K 4	2.0			1.6	7.4		
29	SSE 1	NE 2	N 1	— 0	S 2	— 0	0.7			2.0	7.6		
30	— 0	NE 6	— 0	— 0	CS 9	— 0	3.0			1.8	8.0		
31	N 3	N 9	N 2	SC 10	S 8	S 1	6.3			2.6	10.2		
D 3*	N 2.0	Nr 4.8	N 2.4	SC 2.8	S 3.8	Nr 1.3	2.6	8.8		22.2	89.3		
Med	N 1.8	N 3.8	N 1.7	KN 5.2	KC 4.2	K 2.6	3.9	18.8		46.5	18.71		

Observatorio meteorologico "D. Bosco" — Curitiba

TABELLA III

Resumo geral do Mez de Julho de 1911

Correlação dos ventos com os seguintes elementos meteorologicos						Tensão media do vapor atmosferico	
Ventos	N. de vezes q' sop.	An. barometrica Media	Temperatura Media	Nebulosid. Media	Humidade Media		
N	22	46.94	24.4	4.0	63.0		13 ^m /m34
NNE	—	—	—	—	—		Humidade relativa media 63 ^m /m6
NE	2	45.97	34.8	5.5	39.0		Evaporação media diaria ao abrigo 1 ^m /m5
ENE	—	—	—	—	—		Evaporação media diaria ao sol 5 ^m /m9
E	2	48.49	18.5	3.0	64.0		Maior evaporação diaria ao abrigo — Dia 22 3 ^m /m2
ESE	—	—	—	—	—		Maior evaporação diaria ao sol — Dia 22 11 ^m /m4
SE	6	47.67	25.2	1.1	60.0		Menor evaporação diaria ao abrigo — Dia 6 0 ^m /m2
SSE	4	49.00	23.8	3.5	54.5		Menor evaporação diaria ao sol — Dia 6 1 ^m /m0
S	15	51.85	19.1	6.2	6.57		Evaporação total ao abrigo 46 ^m /m5
SSW	3	51.52	16.3	6.7	71.0		Evaporação total ao sol 187 ^m /m1
SW	3	49.65	29.0	3.0	64.0		Quantidade media mensal do Ozono —
WSW	2	48.86	21.2	1.0	63.5		Maxima da insolação —
W	4	49.38	28.0	4.2	49.2		BAROMETRO REDUZIDO A 0° c.
WNW	3	47.06	28.9	6.0	58.0		Pressão media mensal 48.69
NNW	4	46.99	25.5	1.7	58.5		Maxima pressão durante o mez — Dia 24 55.83
NW	3	47.47	28.8	7.3	51.3		Minima pressão durante o mez — Dia 31 43.86
Calmas	—	—	—	—	—		Media diaria maxima Dia 24 55.53
							Media diaria minima Dia 31 44.40
Vento predominante					N		Oscillação maxima diaria — Dia 23 6.56
» menos frequente					NE-E-WSW		Oscillação diaria minima Dia 12 0.81
» mais quente					NE		Oscillação media durante o mez 2.38
» mais frio					SSW		TEMPERATURA CENTIGRADA AO ABRIGO
» de maior altura barometrica					S		Media mensal 23.0
» de menor altura barometrica					NE		Maxima extrema — Dia 21 33.0
» mais secco					NE		Minima extrema — Dia 25 11.8
» mais humido					SSW		Media diaria maxima — Dia 31 27.7
» de maior nebulosidade					NW		Media diaria minima — Dia 24 15.2
» menor					WSW		Oscillação diaria maxima — Dia 15 14.4
NEVENS							Oscillação diaria minima — Dia 1 1.7
Formas predominantes					S-Kn		Oscillação media durante o mez. 8.9
Quantidade media					3.9		TEMPERATURA CENTIGRADA AO AR LIVRE
Dias claros					8		Media mensal 22.4
Dias nublados					3		Maxima extrema — Dia 31 37.0
CHUVA							Minima extrema — Dia 12 7.5
Numero de dias com chuva					2		Media diaria maxima — Dia 31 28.3
Total de agua recolhida					188		Media diaria minima — Dia 24 12.7
Altura max. em 24 hors.					10.0		Oscillação diaria maxima — Dia 12 23.8
N.º DE DIAS							Oscillação diaria minima — Dia 5 3.4
Manifestações electricas					4		Oscillação media durante o mez 14.8
Trovoadas					2		
Nevoeiros					15		
Orvalho					15		
Dias sem brilho solar					2		

Observatório Meteorológico "Santa Cruz"

Dirigido pelos R. R. P. P. Salesianos em Araguaya — Matto-Grosso

Observações feitas durante o mez de Maio de 1911

Altitude approximada da Localidade: 488.^m — Latitude austral 15° 33' 27" S

Longitude 9° 48' 57" O (W do Rio de Jan.)

N.º DE OBSERVAÇÕES POR DIA: AS 6 A. M., AS 2 E 8 P. M. HORA LOCAL

TABELLA I

Maio 1911	Pressão barométrica reduzida á 0.º cent.						Temperatura centígrada á sombra				TEMP. SOL. OSCILLACÃO	Humidade relativa			
	6 a.m.	2 p.m.	8 p.m.	Média	Oscil.		Média	Max.	Mín.	Oscil. da tem.		6 a.m.	2 p.m.	8 p.m.	Média
1	93.97	23.05	22.45	23.15	1.53	25.4	29.0	21.8	7.2	7.4	76.0	76.0	83.0	82.6	
2	23.19	21.53	20.82	21.51	2.37	24.8	28.0	21.6	6.4	10.4	66.0	66.0	76.0	75.3	
3	22.67	20.82	19.72	21.07	2.95	24.6	28.2	21.0	7.2	13.0	60.0	60.0	65.0	68.6	
4	21.17	19.72	19.02	19.97	2.15	25.1	29.0	21.2	7.8	11.6	56.0	56.0	65.0	67.3	
5	21.05	18.12	20.72	19.96	2.93	25.4	28.6	22.8	5.2	11.0	63.0	68.0	73.0	65.6	
6	20.45	18.96	16.13	18.51	4.32	24.4	27.0	21.8	5.2	8.0	84.0	84.0	91.0	86.6	
7	19.35	20.22	20.09	19.88	0.84	20.7	23.4	18.0	5.4	7.4	84.0	84.0	91.0	90.3	
8	21.57	18.89	18.27	19.57	3.30	23.2	27.4	19.0	8.4	15.0	71.0	71.0	90.0	85.6	
9	19.60	17.96	17.47	18.34	2.13	23.2	25.2	20.2	6.0	7.0	71.0	71.0	88.0	85.6	
10	18.71	17.05	19.31	18.35	2.26	23.6	25.8	21.4	4.4	7.0	84.0	84.0	93.0	91.0	
D.1ª	21.17	19.63	19.40	20.03	2.47	24.0	27.2	20.8	6.3	9.7	89.2	72.0	87.5	79.8	
11	12.72	23.05	19.88	19.88	0.33	23.7	27.4	20.0	7.4	4.0	98.0	95.0	91.0	94.6	
12	21.52	18.98	19.12	19.89	2.54	23.6	28.0	19.2	8.8	8.0	94.0	70.0	87.0	83.6	
13	12.54	15.01	17.98	17.51	1.53	24.2	29.6	19.4	9.6	11.6	96.0	49.0	69.0	71.3	
14	19.59	16.63	17.96	18.07	2.91	23.5	28.6	18.4	9.2	14.4	88.0	53.0	71.0	70.6	
15	20.87	17.39	21.15	19.80	3.76	24.6	29.2	20.0	9.2	10.4	96.0	74.5	85.0	83.5	
16	23.05	20.82	21.45	21.77	2.23	23.5	23.0	19.0	9.0	10.2	83.0	66.0	77.0	75.3	
17	22.65	23.50	22.05	22.73	1.45	22.2	27.4	17.0	0.4	11.0	83.0	62.0	73.0	72.6	
18	23.98	19.70	20.93	21.50	4.28	23.6	29.2	18.0	11.2	12.6	90.0	68.0	65.0	74.3	
19	23.64	18.72	19.89	20.75	4.92	23.8	29.4	18.2	11.2	16.0	87.0	46.0	61.0	61.6	
20	23.59	18.48	22.06	21.37	5.11	23.6	29.2	18.0	11.2	15.2	86.0	49.0	66.0	67.0	
D.2ª	21.81	18.93	20.95	20.32	3.20	23.6	28.5	18.7	9.7	11.3	89.6	13.2	74.4	75.7	
21	22.24	18.12	20.03	20.13	3.12	22.5	23.8	16.2	12.6	6.8	84.0	52.0	74.0	70.0	
22	22.69	18.52	20.40	20.53	4.17	23.9	28.6	17.4	11.2	15.6	88.0	47.5	72.0	69.0	
23	23.57	19.42	21.05	21.31	4.15	23.6	28.6	18.6	10.0	12.4	92.0	53.0	81.0	77.6	
24	23.60	17.79	19.47	20.28	5.81	22.2	27.2	17.2	10.0	15.2	93.0	54.0	74.0	72.6	
25	21.59	17.70	19.43	19.57	2.89	23.0	23.0	19.0	10.0	14.0	85.0	58.0	66.0	61.3	
26	22.61	18.75	18.46	19.95	4.18	23.0	29.2	18.8	10.4	13.2	86.0	55.0	77.0	72.6	
27	21.44	17.52	19.73	19.56	3.92	23.7	29.0	18.4	10.6	14.6	90.0	51.0	66.0	69.0	
28	23.04	19.62	20.77	21.14	3.42	22.8	27.6	18.0	9.6	13.8	86.0	48.0	60.0	64.6	
29	24.27	20.93	22.08	22.42	3.34	21.5	27.0	19.0	11.0	14.6	87.0	40.0	63.0	63.3	
30	25.39	21.36	21.32	22.69	4.07	21.2	27.2	15.2	12.0	17.0	81.0	44.5	59.0	61.5	
31	23.87	18.95	21.05	21.29	4.92	22.1	24.2	16.0	12.2	15.2	85.0	36.0	63.0	61.3	
D.3ª	23.12	18.97	20.34	20.80	4.18	22.7	28.2	17.3	10.7	13.8	86.7	48.5	68.8	67.9	
Mez	22.03	19.17	19.99	20.38	3.28	23.4	27.9	18.9	8.9	11.6	88.5	61.2	74.3	74.4	

Observatório meteorológico "SANTA CRUZ"

TABELLA II

Maio 1911	Vento Direção—Força			Nebulosidade Forma—Fração				Chuva Quantidade	EVAPORAÇÃO em 24 horas					
	6 a. m.	2 p. m.	8 p. m.	6 a. m.	2 p. m.	8 p. m.	Medias		Abrigo	Exp.				
1	—	0	—	0	N 10	N 10	CN 8	9.3	0.5	2.0	2.6			
2	—	0	—	0	—	0	K 8	—	—	2.6	3.8			
3	—	0	S	2	C 7	» 6	—	4.3	—	3.0	4.2			
4	—	0	NE	4	C 6	» 7	—	4.3	—	3.2	4.8			
5	—	0	N	7	—	0	KN 9	—	0	3.4	5.0			
6	—	0	—	0	N 10	N 10	N 10	10.0	gott.	2.0	3.2			
7	—	0	N	1	SN 10	CS 10	C 9	9.6	4.5	1.4	2.4			
8	—	0	—	0	C 10	CK 10	» 10	10.0	0.8	0.8	1.2			
9	—	0	—	0	» 10	CN 10	» 10	10.0	—	0.8	2.4			
10	—	0	—	0	SN 10	» 10	N 10	10.0	gott.	0.6	1.6			
D.1 ^a	—	0	N	1.4	—	0	C 8.1	K 9.0	C 5.7	7.5	5.8	19.8	34.2	
11	—	0	SE	7	—	0	C 9	N 10	C 8	9.0	11.8	1.0	2.8	
12	—	0	—	0	E	1	S 10	KN 9	» 6	8.3	—	1.0	4.2	
13	—	0	N	5	—	0	C 10	K 10	CK 4	8.0	gott.	3.4	8.2	
14	—	0	NNE	5	—	0	» 4	» 5	—	0	3.0	—	3.2	8.4
15	—	0	—	0	SW	7	KC 8	» 6	N 10	8.0	—	2.8	7.0	
16	S	2	SE	4	SSE	6	C 6	KC 4	—	0	3.3	—	2.4	8.0
17	»	2	»	5	»	5	C 7	CK 5	—	0	4.0	—	3.0	2.0
18	»	2	S	5	—	0	C 4	K 5	—	0	3.0	—	2.8	9.2
19	—	0	—	0	—	0	C 4	KC 8	C 5	5.6	—	3.0	8.2	
20	—	0	S	2	—	0	C 8	KC 6	—	0	4.6	—	3.8	9.0
D.2 ^a	S	0.6	SE	3.3	SSE	1.9	C 7.0	K 6.8	C 3.3	5.6	11.8	26.4	74.0	
21	S	1	S	4	—	0	C 4	KC 5	—	0	3.0	—	2.2	8.4
22	—	0	N	2	—	0	» 8	» 9	—	0	5.6	—	2.6	7.4
23	SW	1	NW	4	S	2	N 10	» 9	C 2	7.0	—	2.2	6.2	
24	S	1	NE	3	—	0	C 3	K 5	—	0	2.6	—	2.8	7.2
25	—	0	S	4	SE	3	» 3	» 3	NK 4	3.3	—	3.0	8.2	
26	—	0	—	0	—	0	CS 9	» 6	KN 4	6.3	gott.	2.8	6.4	
27	—	0	SW	3	—	0	C 3	» 5	K 5	4.3	—	2.2	7.0	
28	S	1	S	4	SSW	2	CS 6	KC 5	—	0	3.0	—	3.2	8.2
29	SW	3	»	3	S	0	C 6	CK 3	C 2	3.6	—	3.3	8.0	
30	—	0	—	0	SSE	4	» 10	C 10	—	0	6.6	—	3.0	8.0
31	S	4	E	3	—	0	» 8	CK 9	C 4	7.0	—	3.6	10.2	
D.3 ^a	S	1.0	S	2.7	S	1.4	C 6.3	KC 6.0	C 1.9	4.7	—	30.9	85.2	
Mez	S	0.5	S	2.4	SSE	1.1	C 7.1	K 7.2	C 3.6	5.9	17.6	77.2	193.4	